

| 918 | FLUXO E PERMANÊNCIA: A REORIENTAÇÃO DE DISCURSO EM TORNO AOS PROJETOS URBANÍSTICOS E A QUESTÃO DO LEGADO OLÍMPICO

Henrique Amorim Soares

Resumo

Os Jogos Olímpicos tem sido tratados como uma oportunidade para a promoção de desenvolvimento local, o que tem levado governos de grandes cidades a se engajarem em disputa para sediá-los. No Rio de Janeiro, a intenção de receber os Jogos Olímpicos data de 1996. Pode ser dito que o interesse pela atração dos Jogos Olímpicos se manifestava, inicialmente, pela vontade de atrair capitais externos. Hoje em dia, porém, a justificativa para a acolhida de acontecimentos do gênero não pode se basear apenas na referência à possibilidade de dinamização econômica. Ela veio a concentrar-se na ideia de legado. A noção de legado indicaria que os esforços e vultosos recursos empregados garantem efeitos benéficos perenes em diferentes áreas. Trata-se de um gasto público objetivado, portanto, mensurável, ou seja, que pode se distinguir do argumento mais abstrato por seu grau de elaboração e acuidade. O recurso ao legado é estratégia discursiva que parece indicar uma forma de enfrentamento da crescente resistência às reorganizações sócio-espaciais resultantes dos preparativos para os Jogos. De fato, considerando-se os projetos olímpicos para o Rio de Janeiro, pode-se verificar que a atenção ao legado vem crescendo, enquanto se modifica o foco dos projetos. O trabalho proposto realiza uma análise dos sentidos assumidos pelo termo nos projetos para os jogos olímpicos de 2016. Busca refletir sobre a relação entre legado, enquanto estratégia discursiva, e projeto, enquanto expectativa de realização. Espera-se evidenciar que a crescente ênfase no legado mascara, na prática, uma reduzida atenção ao legado, considerado na sua dimensão urbanística.

Palavras-chave: competição interurbana, legado, grandes projetos urbanos.

Introdução

Os Jogos Olímpicos tem sido tratados como uma oportunidade para a promoção de desenvolvimento local, o que tem levado governos de grandes cidades a se engajarem em uma disputa para sediá-los. Em geral afirma-se que os mega-eventos funcionam como catalisadores de processos de revitalização urbana graças à possibilidade que fazem advir, de captação de recursos públicos e de capitais privados.

No Rio de Janeiro, a intenção de receber os Jogos Olímpicos data de 1996 (para as Olimpíadas de 2004). Ela surgiu no âmbito de um estreitamento de relações entre elites políticas locais e técnicos de Barcelona, alguns anos após a competição olímpica realizada naquela cidade. A experiência barcelonesa foi apresentada como de grande sucesso e divulgada pela América Latina como exemplo de planejamento e de coordenação de intervenções urbanísticas.

A disputa interurbana por mega-eventos sustenta-se no entendimento imediato, de que eles atraem recursos. Além disso, essa idéia é acompanhada por construtos mais sofisticados, apoiados em *“uma epistemologia emergente que entende os sistemas como lugares demarcados vagamente e sendo atravessados por fluxos de matéria e energia”* (ZAERA-POLO, 1994), frequentemente sintetizados na idéia de globalização. Assim são explicados os processos de reorganização espacial, orientados para a criação de centralidades e para a atração e fixação de capitais que dinamizariam os territórios.

Em termos estritamente urbanísticos, a representação de um espaço de fluxos, suscita a consideração de intervenções pontuais no tecido urbano. Delas resultariam zonas de influência – perceptíveis pelo aumento do valor do solo – que atrairiam maior atenção de atores privados. Essas intervenções são vistas como mais ajustadas às dinâmicas econômicas contemporâneas do que as iniciativas pautadas em planos de organização do território: o plano dá lugar aos projetos.

Pode ser dito que o interesse pela atração dos Jogos Olímpicos se legitimava, inicialmente, pela vontade de atrair capitais externos: a menção das oportunidades e desafios da globalização e sua decorrência lógica, de que a ancoragem dos fluxos seria benéfica para o desenvolvimento local, foram, ao menos no Rio de Janeiro, argumentos suficientes para justificar a importância dos mega-eventos. Hoje em dia, porém, provavelmente devido às críticas recebidas quanto ao alto custo e baixo retorno dos investimentos (no Brasil e no exterior), bem como em razão de casos em que o evento foi mal avaliado (Atenas, em 2004, e Santo Domingo, em 2003), a justificativa para a acolhida de acontecimentos do gênero não pode se basear apenas na referência genérica à possibilidade de dinamização econômica. Ela veio a concentrar-se na idéia de “legado”.

A noção de legado indicaria que os esforços e vultosos recursos empregados garantem efeitos benéficos perenes em diferentes áreas (esportiva, segurança pública, urbanística, entre outras). Supõe um gasto público objetivado, portanto, mensurável, ou seja, que pode se distinguir do argumento mais abstrato (dinamização da economia local) por seu grau de elaboração e acuidade.

Em planejamento, legado pode ser tomado como uma medida pela qual um plano é avaliado; é a diferença entre o pretendido e o alcançado, embora a qualidade do legado, e, portanto dos planos, possa também ser examinada em termos de seu ajustamento à aspectos simbólicos, notadamente à representação dominante de cidade.

Frequentemente, porém, o assunto é tratado com otimismo, isto é, sem que se olhe para os efeitos não esperados dos investimentos e intervenções (aumento de custo da

terra, relacionado à *gentrificação*; custos de oportunidade dos recursos públicos aplicados; consumo de matérias primas que contribuem para problemas ambientais). Além disso, na medida em que aumenta a tensão social em torno dos mega-eventos e, por decorrência, que ganham relevância os efeitos negativos a eles associados, maior é a ênfase atribuída ao legado, que, por definição, é associado a efeitos positivos.

O recurso ao legado, cuja força também está associada à noção de “desenvolvimento sustentável”, é estratégia discursiva que parece indicar uma forma de enfrentamento da crescente resistência às reorganizações sócio-espaciais resultantes dos preparativos para os Jogos. De fato, considerando-se os projetos olímpicos para o Rio de Janeiro, pode-se verificar que a atenção ao legado vem crescendo, enquanto se modifica o foco dos projetos.

O projeto para as Olimpíadas de 2004, por exemplo, formulado com consultoria catalã, estava em parte direcionado para a Zona Norte, e considerava uma reestruturação na escala da Cidade. O projeto para o PAN de 2007 concentrava-se na Zona Oeste e pode-se dizer que consistia, em termos urbanísticos, na inserção de peças urbanas – na forma de equipamentos esportivos – relativamente independentes. Por fim, o projeto para as Olimpíadas de 2016 apresenta-se em parte como conjunto de intervenções desarticuladas, como no PAN, ainda que incluía algumas vias de transportes coletivos que conectarão a cidade.

O trabalho ora proposto realiza, primeiramente, uma análise do emprego da noção de legado, conforme aparece na imprensa, em falas de personagens públicos. Com isso procura-se denotar o modo como a noção de “legado” vem sendo construída e os sentidos que incorpora. Em seguida elabora-se uma análise comparativa dos projetos urbanísticos para mega-eventos esportivos no Rio de Janeiro a fim de verificar as mudanças entre eles: os Jogos Olímpicos de 2004 e os Jogos Olímpicos de 2016. Realiza-se, ainda, uma análise dos sentidos assumidos pelo termo “legado” nos momentos em que se buscava justificar os projetos. Por fim, busca refletir sobre a relação entre legado (estratégia discursiva) e projeto (expectativa de realização). Espera-se evidenciar que a crescente ênfase no legado, conforme o discurso sobre os mega-eventos, mascara, na prática, uma reduzida atenção ao legado, considerado na sua dimensão urbanística. Por fim, observa-se que a supervalorização da ideia de legado tem substituído a preocupação por parte dos proponentes de se apresentar o próprio projeto urbano.

A noção de “legado” como parte do processo de escolha da cidade-sede dos Jogos Olímpicos

A noção de legado passou a ser incorporada no discurso olímpico brasileiro após a desclassificação da cidade do Rio de Janeiro ainda na primeira fase (em meados de 2004) da disputa por sediar as Olimpíadas de 2012. Em reportagem em que são apontados motivos para a derrota, o Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Artur Nuzman, afirmava que não sabia que o Comitê Olímpico Internacional (COI) basearia tão firmemente sua escolha em um novo quesito, chamado de “critério de viabilidade”, que consiste na *“probabilidade de o projeto apresentado ser realizado no prazo e na forma propostos, de acordo com a situação financeira e política da cidade, país ou região, localização, capacidade de crescimento e legado das obras após a Olimpíada”* (ASSUMPÇÃO, 2004). De fato, foi no processo de seleção da cidade-sede para a Olimpíada de 2012 que o COI introduziu a noção de legado entre os 11 itens de avaliação (mantiveram-se dez e alterou-se o décimo primeiro item: de *“conceito geral”* para *“legado”*).¹

Ao mesmo tempo, as declarações contraditórias de Jacques Rogge, presidente do COI desde 2001, em um curto período de tempo, evidenciam a preocupação e a importância que passou a ser dado ao critério “legado” na avaliação das candidaturas de cidades sedes dos Jogos Olímpicos. Logo após rasgar elogios aos organizadores dos Jogos realizados em Atenas em 2004 (ROSEGUINI, 2005), acabou por reconhecer (em 2005) que ficaram para Atenas “elefantes brancos”, estruturas que se tornaram inúteis: *“Na época, a discussão do legado olímpico não estava tão consolidada como hoje. Muita coisa em Atenas está subutilizada. A população reclama com toda razão”*, relata Rogge (idem ROSEGUINI, 2005). O dirigente diz que assumiu, desde então, *“a missão de convencer os organizadores de grandes eventos a diminuir o tamanho das edificações que pretendem erguer”*, a fim de adequá-las a realidade pós-olímpica.

Segundo o professor e especialista em legado Andrew Thornley, ao ser consultado por jornalistas brasileiros na véspera da definição do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, disse: *“Nas últimas votações, como a que escolheu Londres para sediar os Jogos de 2012, o COI mostrou que o legado tem se tornado cada vez mais importante”*. De acordo com a reportagem, COI analisará benefícios em longo prazo como renovação de áreas e incentivo ao esporte (BBC Brasil, 2009).

¹ Os onze itens passaram a ser: apoio político e social, infraestrutura geral, infraestrutura esportiva (locais de competição), Vila Olímpica, meio ambiente, acomodações, transporte, segurança, experiências anteriores, finanças e legado.

A incorporação da noção de legado nos discursos de atores nacionais

É curioso notar que, para o caso do Rio de Janeiro, a noção de legado passou de ponto de reprovação na candidatura para os jogos de 2012 a principal mote da campanha dos jogos de 2016. Mais notável ainda é a eficiência da reorientação do discurso e a ênfase à noção de legado conferida nos projetos entre as duas campanhas, obtendo boa avaliação na última candidatura no quesito legado. De acordo com especialistas, foi a boa avaliação nesse quesito que pesou mais decisivamente para a escolha do Rio para os jogos de 2016.

“Legado” como recurso discursivo

Tratou-se de avaliar o sentido da noção “legado” no discurso da imprensa, seja no destaque de posições de atores relevantes do setor público, seja na tomada de posição (editoriais, articulistas ou jornalistas). Para tal, foi pesquisada nos arquivos digitais de três dos mais importantes jornais do país (O Globo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) a ocorrência do termo “legado” (em associação com “olimpíada”). Nos artigos foram procuradas informações a respeito dos modelos (cidades onde os Jogos foram considerados exitosos) e atores relevantes (do poder público, visto tratar-se de iniciativa desse setor) manifestando-se sobre o assunto.

Boa parte dos resultados ocorreu no período que antecedeu a escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. As ocorrências apontam para os exemplos bons (Barcelona ainda é a principal referência) e para os maus (Pan 2007, Atenas, Montreal e Pequim, que foi avaliada de formas diferentes e passou de bom a mau exemplo em pouco tempo). Elas também serviram para dar voz a atores sociais que buscavam justificar a candidatura do Rio de Janeiro. A noção de legado mais comum é a de benefícios que ficam para a cidade devido à criação de infraestrutura ou à melhoria da segurança pública. Porém, é ainda recorrente a noção de legado como do aumento da auto-estima dos cidadãos ou com a consolidação do Brasil como potência esportiva.

No quadro a seguir dividimos as matérias jornalísticas em três períodos, tendo como marco o dia 02 de outubro de 2009, dia da votação final que definiu o Rio de Janeiro como cidade sede das Olimpíadas de 2016. O primeiro período abrange os resultados até o dia anterior ao anúncio da cidade vencedora da disputa, ou seja, até 01/10/2009; o segundo abarca as matérias do dia da vitória da candidatura do Rio de Janeiro; e o terceiro período contém os resultados do dia posterior a definição da vitória do Rio até meados de 2011.

Ocorrências encontradas para "legado" + "olimpíada"								
PERÍODO	O GLOBO		FOLHA.COM		ESTADÃO		SOMATÓRIO TOTAL	
	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%
ATÉ 01/10/2009	27	41%	14	19%	44	27%	85	28%
EM 02/10/2009	10	15%	17	24%	10	6%	37	12%
DE 03/10/2009								
ATÉ 29/07/2011	29	44%	41	57%	111	67%	181	60%
TOTAL	66	100%	72	100%	165	100%	303	100%

Observa-se que parte significativa das matérias concentrou-se em um único dia, o dia da vitória do Rio (12% no somatório dos resultados), evidenciando assim a atenção e a expectativa por parte da mídia em relação ao anúncio da candidatura vencedora.

Em todos os meios pesquisados, a maior parte dos resultados concentrou-se no terceiro período, ou seja, após o dia 02/10/2009 (60% do total). Nesse período o foco principal das matérias jornalísticas era avaliar o que poderia vir a ser afinal o legado para a cidade; enquanto que no primeiro período, cujo percentual foi 28% do total, preocupavam-se em dar voz aos principais atores sociais que procuravam dar ênfase ao principal ponto da candidatura carioca, ou seja, o legado.

O quadro seguinte teve como objetivo verificar, ao longo do tempo, a gradual afirmação da ideia de legado. Para isso, a pesquisa estabeleceu balizas anuais, constatando que o termo só apareceu a partir de 2004 e que passou a ser empregado progressivamente a partir de então, tendo seu ápice em 2009, quando foi definida a cidade sede dos Jogos de 2016.

Ocorrências encontradas para "legado" + "olimpíada"								
PERÍODO	O GLOBO		FOLHA.COM		ESTADÃO		SOMATÓRIO TOTAL	
	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%	RESULTADOS	%
ATÉ 31/12/2007	0	0%	5	7%	9	5%	14	5%
DE 01/01/2008								
A 01/01/2009	6	9%	4	6%	12	7%	22	7%
DE 02/01/2009								
A 01/01/2010	42	64%	31	43%	64	39%	137	45%
DE 02/01/2010								
A 01/01/2011	6	9%	13	18%	36	22%	55	18%

DE 02/01/2011 A 29/07/2011	12	18%	19	26%	44	27%	75	25%
TOTAL	66	100%	72	100%	165	100%	303	100%

O quadro abaixo apresenta uma síntese das perspectivas de diferentes personagens mencionados ou entrevistados nas matérias encontradas.

Noção de legado para diferentes personagens			
Nome	Representação	O que diz	Noção de legado
Luiz Inácio Lula da Silva	Presidente da República, de 1º janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011	Olimpíada para os pobres; supõe ter o apoio da América Latina e África; aprender com o exemplo de outras cidades	Benefícios que ficam para o povo; aumento da autoestima do povo brasileiro; oportunidade de criar uma infraestrutura inexistente
Sérgio Cabral	Governador do Estado do Rio de Janeiro	Necessidade de criar um "choque de urbanismo; fazer 30 anos em 6; o povo carioca deve gratidão à Lula pela escolha do Rio como sede da Olimpíada e da Copa 2014	Legado tangível: benefícios permanentes em segurança pública, acessibilidade, infraestrutura e transportes de massa; legado intangível: aumento da autoestima do carioca
Eduardo Paes	Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro	Os grandes vencedores dos Jogos Rio 2016 serão os cariocas; oportunidade de realizar obras que os cariocas ansiavam; fazer uma Olimpíada que serve a cidade do Rio de Janeiro e não apenas se serve dessa cidade, vai deixar mais do que vai levar; a renovação da região portuária será o maior legado deixado para o Rio após os Jogos; criou o "legadômetro"; não haverá "elefantes brancos" pela cidade	Resolução de questões urbanas (infraestruturas e calamidades); realizar apenas projetos que gerem resultados para a cidade após as Olimpíadas
Carlos Artur Nuzman	Presidente do COB	Jogos como indutores de transformação; estruturas do Pan 2007 ajudarão nos Jogos Rio 2016; Rio 2016 baterá Barcelona 1992	Legado de transformação social e educacional; o Pan como legado para os Jogos Rio 2016
Jacques Rogge	Presidente do COI	Na época dos Jogos Atenas 2004 a discussão sobre legado ainda não estava consolidada; sua missão é convencer a todos a diminuir o tamanho dos equipamentos, adequando-os à realidade pós-olímpica; cobra responsabilidade nos gastos públicos	Legado físico: baseado na sustentabilidade (das instalações pós-Olimpíada); legado humano: renovação das favelas e oportunidades para os jovens
Gilbert Felli	Diretor-Executivo do COI	Um evento esportivo pode reerguer ou arruinar uma cidade; o legado pode ser planejado juntamente com os projetos; perdeu-se uma oportunidade incrível de prosperar com o PAN 2007, visto que não se planejou o que ficaria de legado para a cidade	Benefícios que ficam para além dos 15 dias do evento; prosperidade após o evento; algo que pode ser planejado

Orlando Silva	Ministro dos Esportes, do governo de Lula e de Dilma Roussef	O Brasil reúne pela primeira vez condições de sediar uma Olimpíada; transformação do Brasil em potência olímpica	Esporte como organizador da vida social, aliado à educação e à promoção de saúde; consolidação do Brasil como potência olímpica no esporte; o país na rota dos investimentos mundiais; transformação urbana e ganhos com turismo; recupera-se o triplo do investido no evento através de impostos
Dilma Roussef	Ministra da Casa Civil do governo de Lula, candidata a Presidência e, posteriormente, Presidente da República	Deve haver transparência nos gastos públicos com os Jogos Rio 2016; com os Jogos o Brasil será alçado a um patamar mais alto no cenário internacional; Rio como capital mundial	Além dos equipamentos esportivos, elaborar políticas de envolvimento dos jovens com o esporte
Tarso Genro	Ministro da Justiça do governo Lula	Investir em segurança; ocupar 50 favelas; PRONASCI	Pacificação e projetos preventivos
Márcia Lins	Secretária Estadual de Turismo, Esporte e Lazer	As Olimpíadas ajudarão a dobrar o número de turistas até 2020 (de 6 para 12 milhões/ano); a meta a longo prazo é alcançar a Paris (60 milhões/ano)	Benefícios advindos da economia do turismo
Paulo Augusto Itacarambi	Vice-Presidente do Instituto Ethos	Instituto fiscalizará os gastos públicos com os Jogos Rio 2016; aumentar a transparência na contratação e execução dos serviços	Além do legado físico, deseja o legado ético
Tony Blair	Ex-Primeiro Ministro Britânico	Promover e exibir a marca Brasil através dos Jogos Rio 2016	Jogos ajudam a inspirar cidadania

Como se pode verificar, trata-se de noção elástica, ou que varia em graus de elasticidade: maior o grau, quando se associa legado à imagem ou marca, da cidade ou do país (o reconhecimento de uma marca pode ser medido, porém é mais difícil estimar o significado palpável desse reconhecimento), e menor (mais preciso), quando relacionado a elementos mensuráveis, como a infraestrutura, a redução de desigualdades, etc.

O “legado” no projeto (legados possíveis/prováveis)

A candidatura RIO 2004

Em 1995 a Cidade do Rio de Janeiro começou a elaborar uma proposta para candidatura aos Jogos Olímpicos de 2004. Na época foi contratada assessoria técnica da empresa Rio Barcelona Consultores (Jordi Borja e outros profissionais que participaram do projeto de Barcelona que, como se poderia esperar, foi a referência para o projeto). Em seminário interno realizado em janeiro de 1996 com o propósito de participar aos funcionários do andamento dos trabalhos da candidatura, discutiram-se “as condições

urbanísticas das áreas selecionadas para os Jogos Olímpicos” (título do evento), ficando explicitados os motivos para a seleção das áreas.

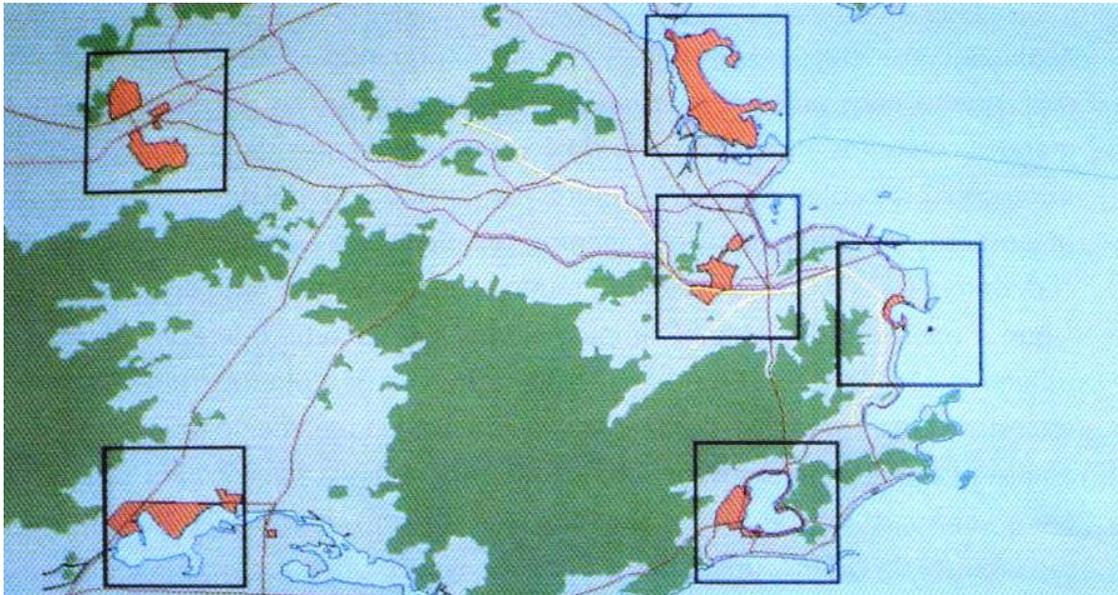
De acordo com os princípios expostos, as decisões deveriam se pautar na percepção de *“uma nova competitividade entre os territórios”*, na qual, segundo Borja, a *“imagem, o marketing, são muito importantes”* (in Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996, p.13-14). Esse tipo de investimento seria importante para a promoção de um lugar, porém não suficiente para garantir seu desenvolvimento. A atratividade de um território dependeria de densidade de relações socioeconômicas, infraestrutura adequada, recursos humanos qualificados e ordenamento jurídico transparente que dê segurança a investidores. Em outras palavras, demandaria estruturas de retenção que permitissem (aos lugares) certa independência em relação à volatilidade da economia global. Essas estruturas seriam apoiadas na recuperação de áreas de pouca vitalidade social e na *“priorização dialética entre mobilidade e centralidades”* (p.21). Resulta dessa maneira de conceber a intervenção urbana, a forma *“projeto urbano”*, no caso, de grande porte e que visa à reestruturação do território (*“projeto global de cidade”*, p.22)

Luis Millet refere-se a *“um grande projeto de cidade. E este projeto é a tese dos Jogos Olímpicos”* (in Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996,p.30). Em Barcelona este projeto global teria se realizado por pelo menos três estratégias. A primeira delas, a distribuição das áreas olímpicas nas extremidades da expansão urbana - o *“eixample”* - concebida por Ildefons Cerdà em 1855, seria uma forma *“de mudar a dimensão de cidade - estendendo conceito de cidade a um de território muitíssimo mais amplo”*, ou seja, de aproximar o centro às áreas periféricas (p.31). A disposição das áreas olímpicas também visaria ao equilíbrio sócio-territorial, ou seja, seria uma forma de redistribuir os investimentos públicos, concentrados na parte oeste da cidade. Uma última estratégia refere-se à articulação entre as áreas, por meio de vias rápidas (que são também corredores de sistemas de comunicação, energia, etc), de porte significativo.

Essas estratégias estão focadas na requalificação urbana, em oposição à expansão do tecido urbano em áreas sem infraestrutura ou pouco ocupadas da cidade, a despeito, conforme ressalta Millet, referindo-se a Barcelona, das *“pressões enormes para situar os grandes conjuntos olímpicos perto do aeroporto, uma área de colonização nova”* (p.31). No entanto, ao contrário da proposta barcelonesa, o projeto para as Olimpíadas de 2004 no Rio de Janeiro procurou conciliar operações de requalificação com as de crescimento urbano. Foram definidas seis áreas olímpicas, entre as quais quatro que implicavam requalificação (Fundão, Maracanã/São Cristóvão, Glória e Lagoa) e duas que supunham expansão (Barra da Tijuca e

Vila Militar), articuladas por vias existentes e pela Linha Amarela que ainda não havia sido implantada.

Figura: Áreas Olímpicas do projeto RIO 2004.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996.

No caso específico dos sistemas de transportes, de Manuel de Herce observa que buscam definir “*uma certa organização geográfica do espaço*” (in Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996, p.71), baseada na criação de centralidades. Essa estratégia de (re)estruturação da cidade demandava, pelo projeto da época, poucos investimentos: segundo de Herce, “[...] *não há grandes coisas a serem feitas para as Olimpíadas, e o projeto Olímpico não precisa de grandes intervenções de infra-estrutura. A Linha Amarela no entanto é básica, não pode se falar das áreas do Fundão, da Barra, sem falar dela. Mas além da Linha Amarela, não é necessário quase nada*” (p.72).

Deve-se ressaltar que tanto os projetos dos equipamentos como dos sistemas de infraestrutura, particularmente viária, deveriam ser concebidos em articulação com o entorno: os equipamentos devem ser pensados como elementos para desenvolver o entorno; as vias compatibilizadas e articuladas com os bairros que atravessam.

O Projeto Rio 2016

O conceito de legado é traduzido no plano para 2016, conforme se divulga², através da possibilidade de transformar todo o Rio de Janeiro por meio de obras de impacto,

² Ver <http://www.cidadeolimpica.com/htm/hoje-amanha-sempre.php>.

capazes de promover a maior mudança social e urbana – sintetizada nas idéias de integração e de transformação – dos últimos cem anos, deixando um registro na história³.

São apresentados 5 projetos para os Jogos Rio 2016 – basicamente em forma de texto e esquemas gráficos pouco elucidativos, de difícil compreensão até para pessoas habituadas a lidarem com a linguagem urbanística. O mais próximo do que poderia se considerar um plano gráfico do conjunto dos projetos está expresso na figura abaixo, que mostra os corredores de circulação tracejados e os círculos sobre as áreas de competição dos jogos Rio 2016.

Corredores de circulação RIO 2016.



Fonte: <http://www.transparenciaolimpica.com.br/transporte.html>. Acesso em: 27 jul. 2011.

O primeiro dos projetos é o Porto Maravilha, cuja área de atuação será na Região Central do Rio voltada para a Baía de Guanabara, considerada a porta da cidade e área histórica, prevendo intervenções urbanísticas (que inclui a demolição da Perimetral), construções de museus e criação de 530 unidades residenciais. Nessa área serão construídas as vilas de Mídia e de Árbitros, centros de Mídia Não Credenciada, hotéis e um centro de convenções.

Outro projeto é a Transoeste, que consiste em um corredor expresso em que passarão BRT (Bus Rapid Transit, veículos articulados ou biarticulados) com 32 km de extensão que vai ligar a Barra da Tijuca a Santa Cruz e contará com 30 estações. A

³ Tal qual o Plano de Pereira Passos no início do século XX, o qual é citado.

expectativa é que a via reduza pela metade o tempo médio de viagem entre os dois bairros da Zona Oeste do Rio.

A Transcarioca é outro corredor expresso com 39 km de extensão exclusivo para ônibus articulados que vai ligar a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador, que deve reduzir em mais de 60% o tempo do percurso. O corredor contará com 45 estações e serão criados 4 mergulhões, 10 viadutos, 9 pontes, projetos de urbanização de áreas vizinhas além da duplicação de pistas já existentes. A previsão é que atenda cerca de 400 mil passageiros por dia.

A Transolímpica é mais um corredor expresso e terá 23 km de extensão; interligará dois centros de competição das Olimpíadas Rio 2016 – Barra da Tijuca e Deodoro.

O Bairro Carioca será um conjunto de 11 condomínios, com um total de 112 prédios de cinco andares e 2.240 apartamentos (que serão vendidos através do programa Minha Casa, Minha Vida), situado em Triagem, bairro da Zona Norte. Além das residências o conjunto vai contar com escola, complexo esportivo, Clínica da Família, creche, posto policial, mercado, ciclovia, área verde, piscinas, churrasqueiras, playground e integração com linhas de metrô, trem e ônibus. O empreendimento será erguido em um terreno comprado pela Prefeitura junto à Light (empresa de energia elétrica do Rio). Os cerca de 10 mil habitantes dos apartamentos virão de áreas de risco ou vítimas das chuvas na cidade.

O programa Morar Carioca prevê intervenções em favelas existentes no Subúrbio, Centro e Zona Sul do Rio de Janeiro. A palavra-chave é a integração da favela com a infraestrutura da cidade. A expectativa é que, até 2020, o projeto chegue a “todas as comunidades onde as obras forem possíveis, adequando os projetos arquitetônicos à cultura e geografia de cada uma delas”. O programa pretende dotar as favelas de acessibilidade, serviços públicos – como creches e Clínicas de Saúde da Família – e uma política de proteção ao meio ambiente. As obras abrangem implantação de redes de água e esgoto, drenagem pluvial, iluminação pública e pavimentação. Cada comunidade terá ainda normas urbanísticas específicas, determinando quanto e como se pode construir em cada área, com ajuda de engenheiros, arquitetos, assistentes sociais e agentes comunitários.

Os Equipamentos Olímpicos estarão situados na Zona Oeste, Norte e Portuária do Rio. A Vila Olímpica, que será na Zona Oeste, terá 34 edifícios de 12 andares e abrigará os atletas em 2.448 apartamentos. Na mesma região ficará situada o Parque Olímpico, que será implantado no Autódromo de Jacarepaguá. Na Zona Norte ficam situados o Maracanã, local das cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos, e o Complexo de Deodoro. Na Região Portuária estará situada a Vila de Mídia e o Centro de Mídia.

É possível verificar que se trata de projetos isolados e pontuais, que não estabelecem relação entre si, além de privilegiarem partes da cidade em detrimento de outras. Percebe-se que os únicos equipamentos que possuem uma relação direta com os Jogos Rio 2016 são os “Equipamentos Olímpicos” – espalhados pela cidade – e a “Transolímpica”, que fará a interligação entre eles. Os outros projetos procuram solucionar questões de circulação e transportes (Transoeste e Transcarioca), habitação e infraestrutura urbana (Bairro Carioca e Morar Carioca) e investimentos na área central (Porto Maravilha) que poderiam (ou deveriam) ser feitos pelo poder público com ou sem a realização de Olimpíadas.

Na apresentação dos projetos lança-se mão de textos em que afirmam que os projetos deixarão um legado para a cidade. No entanto, são poucos os elementos gráficos – com precisão e detalhe – utilizados para esclarecer cada projeto, sua escala e relação com o entorno. Não obstante, apresentam fotos e vídeos das obras já iniciadas.

Consenso, urgência e sem planejamento: esboço de conclusão

A atmosfera de aparente consenso que é gerada em função da organização de uma Olimpíada é extremamente útil para a implementação de projetos na cidade, conforme podemos denotar de uma declaração de um dos coordenadores do projeto Legado dos Jogos de Londres-2012, Bill Hanway:

"Para organizar as Olimpíadas, não basta apenas construir as instalações esportivas, que são obviamente uma parte importante do evento. É preciso aproveitar essa oportunidade única para resolver desafios-chaves da cidade, como problemas de infra-estrutura e sociais... Os Jogos podem gerar uma vontade política única. Decisões que eram difíceis de serem tomadas antes, até por falta de consenso, tornam-se mais viáveis por causa das Olimpíadas. Isso decorre da atenção que a população e a mídia dedicam ao evento. Além disso, as Olimpíadas sempre atraem uma quantidade única de recursos financeiros, o que faz toda a diferença" (BBC Brasil, 2010a; grifo nosso).

Ao mesmo tempo, Jacques Rogge deixa claro que a urgência e o prazo curto para a realização de Olimpíadas possibilita a realização de projetos que levariam décadas: “A Olimpíada é um catalisador de ideias. É possível fazer em sete anos o que provavelmente levaria 25” (RANGEL, 2010).

Por outro lado, na década de 1990, assistimos no Rio de Janeiro o plano – entendido aqui como demonstração de um pensamento coordenado e equilibrado de cidade,

permitindo a apreensão do conjunto urbano – dá lugar ao projeto – intervenção em escala menor, pontual e que privilegia uma região da cidade em detrimento de outra. No atual momento, por ocasião das ações urbanísticas para os jogos de 2016, assistimos o projeto dar lugar às palavras – aos argumentos dos propositores –, sendo a mais forte, apelativa e recorrente a idéia de legado. É demasiadamente escasso o material que informa sobre os projetos; no entanto, enfatizam-se os benefícios que estes podem trazer. De fato, a apresentação dos supostos aspectos benéficos que um projeto poderá deixar para a cidade e para o cotidiano das pessoas tem substituído a apresentação do próprio projeto. Além do mais, a ênfase na importância do legado dos projetos para a cidade tem ofuscado a atenção em relação a importância que esse projetos terão para a própria realização da Olimpíada de 2016. Em outras palavras, não explicam qual será a utilidade e a importância da Transcarioca, por exemplo, durante a realização dos Jogos Rio 2016.

A reorientação do discurso e dos projetos em torno ao planejamento dos projetos olímpicos no Rio de Janeiro – da vaga ideia de atração de fluxos à permanência através da noção de legado – tem contribuído para a construção de uma atmosfera de aparente consenso, de vontade política “única”. O senso de urgência gerado pelo prazo curto para se criar condições para sediar um megaevento, além da diminuição da preocupação dos dirigentes em apresentar para os cidadãos os resultados do processo de planejamento, restringindo-se a lançar palavras e imagens para criar no imaginário do cidadão uma expectativa de legado, são elementos que apontam para o encurtamento do horizonte de participação nas decisões a respeito da cidade e de possibilidade de dissenso. Certamente, a experiência olímpica carioca não permitirá uma experiência de planejamento e de participação do conjunto dos cidadãos nos processos decisórios, o que poderia representar um grande legado – para se utilizar da palavra agora em evidência.

Bibliografia

ASSUMPÇÃO, João Carlos. COB lançou Rio-2012 sem saber critério de escolha.

Folha de São Paulo, São Paulo, 28 mai. 2004. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u75998.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

BBC Brasil. Pela 1ª vez, Brasil reúne condições para ter Olimpíada, diz ministro.

O Globo, Rio de Janeiro, 4 jun. 2008a. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2008/06/04/pela_1_vez_brasil_reune_condicoes_para_ter_olimpiada_diz_ministro-546648174.asp>. Acesso em: 27 jul. 2011.

BBC Brasil. Lula diz querer Olimpíada no Rio para 'os pobres'. **O Globo**, São Paulo, 28 ago. 2008b. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas2008/mat/2008/08/08/lula_diz_querer_olimpiada_no_rio_para_os_pobres_-547636792.asp>. Acesso em: 27 jul. 2011.

BBC Brasil. Para analistas, impacto de Olimpíada na cidade-sede vai pesar em escolha. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1 out. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,para-analistas-impacto-de-olimpiada-na-cidade-sede-vai- pesar-em-escolha,443969,0.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

BBC Brasil. Revitalização de área carente em Londres pode ser exemplo para Rio 2016, diz consultor. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2010a. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,revitalizacao-de-area-carente-em-londres-pode-ser-exemplo-para-rio-2016-diz-consultor,509096,0.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

BBC Brasil. Presidente do COI diz que segurança é prioridade 'nº 1' na Rio 2016. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 dez. 2010b. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2010/12/31/presidente-do-coi-diz-que-seguranca-prioridade-1-na-rio-2016-923396440.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

EFE. Rio vence disputa por Jogos-2016 com projeto mais caro entre as finalistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2009a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u632483.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

EFE. COI diz que principal desafio de cidade olímpica é deixar legado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2009b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u655176.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

EFE. Nunca uma cidade terá mudado tanto como o Rio em 2016', garante Nuzman. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,nunca-uma-cidade-tera-mudado-tanto-como-o-rio-em-2016-garante-nuzman,690555,0.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

JUNIOR, Cirilo. Rio-16 promete caça a 'elefante'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/853072-rio-16-promete-caca-a-elefante.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

LANCEPRESS. Rio-2016 equivalerá a sete Pans e meio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 set. 2009a. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/09/26/rio-2016-equivalera-sete-pans-meio-767795585.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

LANCEPRESS. Comissão especial será criada para acompanhar os recursos das Olimpíadas, diz Dilma Rousseff. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 out. 2009b. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/10/02/dilma-roussef-fala-sobre-olimpiada-de-2016-767880789.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Um sonho de R\$ 90 bi: Ministério estima que jogos de 2016 vão gerar o triplo do investido. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 set. 2009a. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/09/26/um-sonho-de-90-bi-ministerio-estima-que-jogos-de-2016-vaogerar-triplo-do-investido-767797741.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Lula: sim nós podemos e vamos realizar as Olimpíadas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1 out. 2009b. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/10/01/lula-sim-nos-podemos-vamos-realizar-as-olimpiadas-767859038.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

O GLOBO. Rio 2016: Cabral e Paes garantem quase R\$ 1 bi para meio ambiente. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jun. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/06/16/rio-2016-cabral-paes-garantem-quase-1-bi-para-meio-ambiente-756366835.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Seminário sobre as Condições Urbanísticas das Areas Seleccionadas para os Jogos Olímpicos Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996.

RAMOS, Raphael. Instituto vai monitorar gastos para Mundial e Olimpíada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 dez. 2010 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/12/11/instituto-vai-monitorar-gastos-para-mundial-olimpiada-348621.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

RANGEL, Sérgio. Projeto olímpico prevê fim do autódromo e demolição de arena reformada. **Folha.com**. São Paulo, 9 jan. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u361457.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

RANGEL. Sérgio. COI cobra da organização da Rio-2016 arenas úteis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/852619-coi-cobra-da-organizacao-da-rio-2016-arenas-uteis.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

REUTERS. Prefeitura do Rio lança 'legadômetro' dos Jogos-2016. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 out. 2010. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/811965-prefeitura-do-rio-lanca-legadometro-dos-jogos-2016.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

RJTV. Projetos vencedores do concurso Porto Olímpico são apresentados. **Rede Globo**, Rio de Janeiro, 28 jun. 2011. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1548612-7823-PROJETOS+VENCEDORES+DO+CONCURSO+PORTO+OLIMPICO+SAO+APRESENTADOS,00.html>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

ROSEGUINI, Guilherme. Para dirigente do COI, Pan-2007 serve de teste para país abrigar Olimpíada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 ago. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u92816.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

ROSEGUINI, Guilherme. Legado dos Jogos (PAN 2007) coloca Rio de Janeiro em xeque. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u111704.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

RÖTZSCH, Rodrigo. Rio cria Conselho para debater herança de Copa e Olimpíada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 fev. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/875440-rio-cria-conselho-para-debater-heranca-de-copa-e-olimpiada.shtml>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

VALOR Online. Cabral elege segurança como 'mãe de todas as prioridades'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 out. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/10/03/cabral-elege-seguranca-como-mae-de-todas-as-prioridades-922688506.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

VENTURA, Zuenir. Superar Barcelona. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 out. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2009/10/14/superar-barcelona-231886.asp>>. Acesso em: 27 jul. 2011.

ZAERA POLO, Alejandro. "*Order out of chaos - The Material Organization of Advanced Capitalism*". Architectural Design, The Periphery. Pág 24-29. Londres, 1994.